

# A invaginação do olhar: uma leitura do Cântico dos Cânticos 8. 1-3 a partir de Michelli de Mafessoli

The invagination of the gaze: a reading of the song of songs 8.  
1-3 from Michelli de Mafessoli

*José Fábio Bentes Valente<sup>1</sup>*

*Elton Eduardo Paz de Araujo<sup>2</sup>*

*Fanuel Santos de Souza<sup>3</sup>*

**Resumo:** Pensar e propor novas formas de leitura da Bíblia tem sido o desafio de teólogos e teólogas nos últimos anos; inconformados com a rigidez das leituras fundamentalistas, que reduz o texto sacro em letra morta, emergem na pós-modernidade novas hermenêuticas, a partir de diferentes locais de fala. Esse texto ancorado nessas mudanças de paradigmas

---

Artigo recebido em: 06 de out. de 2022

Aprovado em: 20 de fev. 2023

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP (2022-), na qualidade de bolsista PROSUC/CAPES. Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória-FUV (2019). Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas - FBN (2017). Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estácio de Sá - UNESA (2020-)

<sup>2</sup> Doutorando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA). Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (UNIDA). Pós-Graduação em Psicologia Pastoral na Faculdade Boas Novas (FBN).E graduado em Ciências Teológicas (Faculdade Boas Novas).

<sup>3</sup> Doutor em Sociedade e cultura pela Universidade Federal do Amazonas. Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Possui graduação em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo . Licenciado em Pedagogia, Bacharel em Direito. Pós-Graduado em Metodologia do Ensino Superior. Atualmente é professor nos cursos de Administração, Pedagogia, Jornalismo, Ciência teológicas na Faculdade Boas Novas.

interpretativos, propõe uma leitura da perícopes de Cantares 8.1-4 a partir da teoria de Invaginação dos sentidos de Michelli de Mafessoli, um dos mais profícuos pensadores da atualidade. A invaginação dos sentidos proposta por Mafessoli, consiste na tese de que os homens pós-modernos estabeleceram novas relações com a religião, com os outros e consigo mesmo, a partir de uma feminilização do mundo.

**Palavras-chave:** Cantares, hermenêutica, invaginação, pós-modernidade.

**Abstract:** Thinking and proposing new ways of reading the Bible has been the challenge of theologians in recent years; unhappy with the rigidity of fundamentalist readings, which reduces the sacred text in dead letter, new hermeneutics emerge in postmodernity, from different places of speech. This text, anchored in these changes in interpretative paradigms, proposes a reading of the pericope of Cantares 8.1-4 from the theory of Invagination of the senses by Michelli de Mafessoli, one of the most fruitful thinkers today. The invagination of the senses proposed by Mafessoli, consists of the thesis that postmodern men established new relationships with religion, with others and with themselves, from a feminization of the world.

**Keywords:** Singing, hermeneutics, invagination, postmodernity.

## Introdução

Ao longo dos anos o processo de teo-logização no ocidente, tem sido preponderantemente marcado pelo sexismo, os machos privatizaram o discurso sobre a divindade a partir de mecanismos de validação, trataram de interditar, silenciar as vozes femininas. Tais discursos, em que pese a aparência eivada de piedade e simplorismo na forma, “revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder”<sup>4</sup>. A partir do silêncio imposto ao feminino, a teogonia monoteísta, em um processo de hipostatização explicado por Feuerbach<sup>5</sup> e popularizado por Freud, foi concebida em sua antropomorfia, como sendo macho. São Paulo apostolo aportado na narrativa antropogônica do Judaísmo, que reputa a Eva os fracassos no Paraíso, admoesta ao seu discípulo Timóteo, que as mulheres deveriam permanecer caladas nas assembleias litúrgicas.

A análise de gênero questiona a própria estrutura do pensamento teológico provoca uma mudança significativa nessa estrutura. Gênero, portanto, não

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 2010, p.10.

<sup>5</sup> FEUERBACH, Ludwig no livro *A essência do Cristianismo*, advoga a existência de Deus como um produto da consciência humana que está em fase de alienação, portanto não se constitui enquanto objeto inato ao indivíduo

vé só uma mediação hermenêutica, é também uma mediação epistemológica. Faz perceber que a teologia é masculina não só porque foi sempre produzida por homens, mas porque se desenvolveu numa cultura na qual o masculino era o normativo, e porque se serviu de um conhecimento filosófico produzido dessa forma. Por isso o discurso teológico ‘universal’ é androcêntrico. Muitas afirmações apresentadas como sendo do ‘humano’, na realidade, referem-se à experiência e à percepção masculina.<sup>6</sup>

A misoginia das religiões monoteístas, extrapolou os limites dos locais de culto, e adentrou a vida cotidiana, em uma demonstração clara que “a produção intelectual no ocidente é de muitas maneiras, cúmplices dos interesses econômicos”<sup>7</sup>, e porque não dizer machistas? Por isso em diversas áreas da vida, as mulheres foram silenciadas e ridicularizadas. A modernidade e sua proposta científicista, não fez diferente, Angela Saine em seu livro *How Science Got Women Wrong*, levanta a tese de que a ciência não é tão diferente da religião como se pensara.

Se saber é sabor, também é odor, e por todos os lados já é possível sentir outros cheiros, a pós-modernidade quebrou o monopólio hermenêutico do monoteísmo androcêntrico, a monocromacia lúgubre de uma modernidade rígida, fora substituída pela policromacia dos novos movimentos hermenêuticos, em um processo de retorno ao onírico, a imaginação e invaginação hermenêutica. Em que pese o recrudescimento dos grupos fundamentalistas, apegados a leituras retrógradas do texto Bíblico, esse não tem mais a única prerrogativa discursiva sobre o Sagrado, também é possível falar nas ‘teologias de libertação’, as teologias ‘queer’ e os talares agora são policromáticas, inclusive rosa.

Emerge como uma “outra voz” no interior de um campo de saber majoritariamente masculino. É uma voz que resulta da consciência de um sujeito reflexivo, neste caso, de mulheres teólogas que passam a questionar os lugares que socialmente lhes foram outorgados como legítimos por um único

---

<sup>6</sup> BRUNELLI, D. Teologia e gênero. In: SUSIN, Luís Carlos (Org.). *Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas*. São Paulo: Paulinas; Soter, 2000, p. 209-218.

<sup>7</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010, p. 20.

discurso teológico produzido, em geral, por homens celibatários. Nesse sentido, a Teologia Feminista integra uma grande rede de saberes que emergiram em diferentes áreas acadêmicas problematizando e desconstruindo os discursos hegemônicos androcêntricos.<sup>8</sup>

Apesar de Mafessoli não estudar especificamente a religião, suas categorias e noções analíticas, podem facilmente ser utilizada para entender o fenômeno; uma vez que para ele o sujeito pós-moderno é marcado pelo um recalque, uma busca frenética pela experiência, ao onírico e dionisíaco. A religião contemporânea mostra-se a nível discursivo como uma possibilidade de acesso a esse ‘capital espiritual’. Por isso mesmo acreditamos ser possível valer-se de alguns aportes teóricos do pensador, para um olhar bíblica presentificado e libertador, tendo como solda epistemológica a teoria da complexidade.

Para desenvolvermos a proposta, a saber, pensar uma hermenêutica dos Cântico dos Cânticos a partir da teologia da invaginação dos sentidos, optamos por uma pesquisa qualitativa, e bibliográfica e estruturamos o texto a partir da seguinte divisão. No primeiro momento, faremos uma breve introdução a vida de Michelli de Mafessoli, percebendo algumas nuances de sua teoria. Embora a teoria da invaginação dos sentidos, apareça em outras obras, no trabalho analisaremos apenas a obra “O tempo retorna: Formas elementares de pós-modernidade”. Posteriormente faremos um levantamento sobre as teorias da origem e interpretação do Cântico dos Cânticos. E por fim faremos um exercício de leitura da perícopes do Capítulo 8.1-4 a partir da invaginação dos sentidos.

Convém observamos duas coisas. A primeira, é que o nosso texto não traz nenhuma novidade no polo metodológico, muito daquilo que expomos já vem sendo defendido por teólogos e teólogas nos círculos de leituras populares da Bíblia; logo a contribuição de Mafessoli, dar-se somente no polo teórico e epistemológico. A segunda observação é que as citações bíblicas nesse trabalho, são retiradas da tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, não fazemos uma tradução a partir dos originais.

---

<sup>8</sup> FURLIN, N. *Teologia feminista: Uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico*. Rever. São Paulo. Ano 11, n. 01, p. 139-164, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6034>. Acesso em: 20 mar 2022.

## 1. Michelli de Mafessoli: Formas elementares de pós-modernidade

Michelli Mafessoli nasceu em 1944, na comuna Francesa Graissessac, França, foi aluno de Gilbert Durant, o famoso sociólogo que conceituou as tribos urbanas. Amigo de Edgar Morin e influenciado pelo mesmo, ao longo dos anos, Mafessoli tem se consolidado como um dos maiores e mais importantes teóricos sobre a pós-modernidade; suas observações sobre o cotidiano do nosso tempo, pontua novas formas de solidariedade, expressões e modos de vida alternativos, comércio justo, moda, tecnologia. Tudo o que Mafessoli considera como novas formas socialidade e que respondem a um imaginário que se constitui, seguindo sua leitura, a força do vínculo social.

Profícuo escritor, as teorias maffesolianas além dos autores supracitados, dialogam com Friedrich Nietzsche, Michel Foucault e Gustav Jung, Michel de Certeau. Uma das mais importantes obras do Autor é *O tempo retorna. Formas elementares de pós-modernidade*. Nesse livro, Mafessoli analisa os diversos *Zeitgeist* explanando as plurimas mutações da sociedade pós-moderna; advogando a ideia de que a pós-modernidade não é resultado de um desenvolvimento linear histórico e científico, pelo contrário vivemos atualmente um retorno a formas arcaicas, tribais, de pertencimento, até mesmo de oposição ao pensamento durkheimiano de sociedade orgânica.

Mafessoli faz uma crítica aos pretensos pensadores universais, aquele que ‘bondosamente’ pretendem ter a prerrogativas das narrativas, “todas as almas bondosas, ganham a vida vendendo xaropadas”<sup>9</sup>. Aveso ao mito do progresso, Mafessoli defende que sociedade está sempre em um processo constante de mutação e transmutação, por isso mesmo os pensadores e alunos precisam abdicar de suas certezas e ídolos metodológicos, e pensar sem dogmáticos em um movimento de diástole e sístole; a partir do pensamento complexo sem obrigações de reduzir a realidade ao mensurável, que por vezes leva a taxinomia a taxidermia.

Ancorado na ideia de outros pensadores, Durkheim, Certeau, Vico, o autor discorre sobre vários acontecimentos importantes na história, e defende que a primeira característica da pós-modernidade é ressurgimento da vida cotidiana, a ritualização do ordinário, ou seja, “um querer viver teimoso. Irreprimível. Expressado na duplicidade, na teatralidade cotidiana, no sentimento trágico do dia a dia, em

---

<sup>9</sup> MAFFESOLI, Michel. *O tempo Retorna: formas elementares do pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 1.

suma, nesse vivido, nessa proexemia ao mesmo tempo insignificante e estruturante”<sup>10</sup>.

Os homens pós-modernos não se contentam apenas em sobreviver, querem sentir-se vivos, multiplicam-se agências especializadas em oferecer cotidianidades, paradoxalmente na medida que a globalização cresce de forma vertiginosa, uma forma de localização resiste, podemos observar um movimento dialético entre o global e o local; nas palavras de Boaventura de Sousa Santos: “À medida que se globaliza o hambúrguer ou a pizza, localiza-se o bolo de bacalhau português ou a feijoada brasileira”.<sup>11</sup>

Mafessoli entende que a hipertrofia do racionalismo moderno, relegou os saberes tradicionais ao ostracismo, e tece uma crítica de ordem epistemológica; pontuando, porém, que é preciso lembrar que o *Koiné aisthesis* (Sensu comum) da tradição grega, era tido como o conhecimento partilhado por todos, e não era apanágio apenas de alguns eleitos. Nesse sentido o conhecimento é coletivo, na irmanação horizontalizada, suas bases não estão mais no “cogito” de Descartes, superando qualquer espécie de providencialismo, seja ele divino, político ou científico.

Uma das metáforas utilizadas pelo pensador para falar sobre o nosso ‘tempo’, é o clima, para esse um atestado da condição telúrica do homem, escancarando por vezes suas fragilidades e ambivalências. O racionalismo iluminista “obnubilados pelo linearismo de uma história segura de si, ou pelo mito do progresso<sup>12</sup>” fizera a previsão dos tempos, vislumbrado uma atmosfera secularizada; todavia a pós-modernidade é marcada pela volta do Sagrado, fragmentado em pequenas ações, que tal como o bater de asas de borboletas somadas causam uma grande tempestade.

O que surpreende é o espanto suscitado pelos trovões, pontualmente, na vida social. A “climatologia” da qual tento delinear os contornos, nos ensina que a verdade das coisas, no caso das mudanças climáticas, é a resultante de todos esses batimentos de asas de borboletas, na essência inaudíveis, mas cujas consequências estão longe de serem desprezíveis.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> MAFESSOLI, 2012, p. 17

<sup>11</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. *Reconhecer para libertar: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira. 2003, p. 434.

<sup>12</sup> MAFESSOLI, 2012, p. 33.

<sup>13</sup> MAFESSOLI, 2012, p. 34

Tecendo um diálogo aberto com Foucault, Mafessoli defende que a fragmentações identitárias na pós-modernidade, fez surgir um novo modo de ser no mundo, as tribos modernas. Nesse caso, temos uma antropogênese, marcada pelo hibridismo cultural “simbiose de civilização e mestiçagem<sup>14</sup>”; perceptíveis nos novos gêneros e o reconhecimento de sexualidades alternativas, a sombra de Dionísio, projeta-se sobre as cidades modernas, impondo novas cláusulas no contrato social, o indivíduo moderno é plural e rejeita as narrativas escatológicas, para esse importa apenas o presentismo.

O comportamento presentificado, aliado a uma lógica de um regresso, ou um retorno ao ventre dos sentidos, Mafessoli chama de invaginação, pois para esse já não é mais possível pensar o homem apenas em seu aspecto meramente técnico e racional, como se pensava na modernidade. O sujeito pós-moderno está em busca do sensível, desse modo não faz mais sentido projetar a felicidade para um paraíso escatológico, ou seja.

Talvez, para além desses valores ativos, quicá ativistas, esses da construção da direção e da dominação (de si e do mundo), será preciso saber retornar ao nada fundador, ao fundo natural, ao dado protetor e matricial. É a isto que denominei a invaginação dos sentidos. Ir além do substancial, do ser que é nomeado, ou seja, além das entidades estáveis e certas de si-mesmas: Deus, Estado, Instituição, Indivíduo, o retorno curioso de uma aspiração ao vazio criador.<sup>15</sup>

A pós-modernidade germinou seres ambíguos impondo paradoxalmente um materialismo mítico, aliado dialeticamente a um corporeísmo espiritual. O corpo deixa de ser apenas um meio para o trabalho e passa a valer e falar por si só. Os atores sociais não são mais obrigados a abraçarem fideisticamente a um único papel, logo é possível várias *personas* em várias vidas aqui e agora. Religiosidade e sexualidade não precisam necessariamente serem antagônicas entre si, revive-se as os antigos cultos pagãos, sincretizam-se religiões aparentemente antagônicas. Se a modernidade pode ser retratada a partir do mito de *Apolíneo ou Prometeu* um adulto responsável e racionalizado, a pós-modernidade é retratada pelo viajante Dionísio.

---

<sup>14</sup> MORIN, Edgar. *O método 5: A humanidade da humanidade a identidade humana*. Ed. Sulina. 2003., p. 228.

<sup>15</sup> MAFFESOLI, Michel. *Matrimonium: Petit traité d'écologie*. Paris: C.N.R.S., 2010, p.78.

Para Mafessoli as mutações, não seriam anárquicas, mas sim uma renovação da vida, e demonstra um verdadeiro entusiasmo com as novas relações sociais, advindas pela tecnologia, e saúda com notável efusividade esse novo jeito de pertencimento, uma junção perfeita entre o logos eros e o *techné*.

## 2. Leituras e perspectivas no livro do cântico dos cânticos

Traduzindo literalmente do hebraico *Shir hashirim* o Cântico dos Cânticos tem sua autoria creditada a Salomão por parte das tradições teológicas judaicas e cristãs, tais religiões reconhecem sua canonicidade, inserindo-o na categoria de livros sapienciais. O contexto histórico do livro é um dos mais complexos de toda Bíblia, podendo ser situado tanto na era da monarquia, como no período helenístico. O conteúdo geral do texto, celebra o amor recíproco entre um homem e uma mulher, em um jogo frenético de encontro e desencontros. Nenhum outro livro do Antigo Testamento, possui tantas ambiguidades no que diz respeito a sua origem e interpretação; comentando sobre isso Saadi, um comentarista judeu medieval disse hiperbolicamente que o Cântico dos Cânticos é um livro cuja chave inexistente foi perdida, a mais de cem anos Franz Delitzsch pontou:

A Canção é o livro mais obscuro do Antigo Testamento. Qualquer que seja o princípio de interpretação que se possa adotar, sempre resta uma série de passagens inexplicáveis, e exatamente aquelas que, se as entendêssemos, ajudariam a resolver o mistério.<sup>16</sup>

Apesar das sugestões acima, nesse tópico, partindo da proposta do teólogo espanhol Luís Alonso Schöckel na introdução do livro do Cântico dos Cânticos, disponível na Bíblia do Peregrino, elencaremos algumas teorias sobre isso. A primeira delas segundo Schockel (2002), é chamada de teoria cultural, e pretende explicar o livro a partir de uma perspectiva litúrgica.

Para os defensores dessa teoria o livro remete-se aos cultos cananeus hierogâmicos a Ishtar e Tamuz. Israel apropriou-se do livro, destarte “o cântico seria o livrete expurgado e demitizado dessa liturgia<sup>17</sup> cananeia. Para outros teóricos o livro é uma coleção de cânticos populares utilizados em festas de casamento, algum redator

---

<sup>16</sup> DELITZSCH, Franz. *Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes*. New York: Nabu Press. 2011. p. 183.

<sup>17</sup> BÍBLIA, Sagrada. *Bíblia do Peregrino*: Comentários de L. A. Schockel. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1086.

entres os séculos V ou IV a.C. compilou e atribuiu a autoria a Salomão, o patrono da literatura sapiencial em Israel. Essa teoria se fundamenta-se nas várias semelhanças do livro com as canções nupciais de aldeões sírios. No século I da nossa era, os Judeus ainda utilizam o livro de cantares nas festas profanas de casamento, apesar das interdições do Rabbi Aquiba. “Quem quer que seja que cantar o Cântico com voz tremula numa taverna e trata-lo como cançoneta não terá parte no mundo que vem”<sup>18</sup>.

A teoria dramática por sua vez, percepçiona o livro como o desenrolar de um drama, a partir dos pronunciamentos dos personagens. Para esses, no livro há dois personagens, o Rei Salomão e uma aldeã chamada Sunamita que se apaixonam torridamente, vivendo um drama entre encontros e desencontros. Uma outra versão da mesma teoria, diz que a moça era apaixonada por seu amante pastor, e rejeita as investidas do Rei Salomão.

A outra teoria é denominada de coleção de canções de amor e assim como a teoria dramática, possui duas variantes. Para a primeira corrente, o livro é uma coleção de canções sem nenhum princípio teleológico, não existe nenhum princípio de ordem. A segunda corrente pensa “que o colecionador quis impor certa unidade com várias técnicas: frases repetidas como leitmotiv, frases ou temas repetidos por ele ou por ela como num jogo de espelhos”<sup>19</sup>.

É inegável que para além das teorias de origem, o livro do Cântico dos Cânticos a mulher está dotada de voz. Ela dialoga com seu amado, interpela transeuntes e fala dos seus desejos secretos. Segundo o famoso artigo do professor Osvaldo Luiz Ribeiro<sup>20</sup>, no livro de Cantares temos mais que erotismo, há um ato de subversão política. O feminino demonizado, reduzido ao servilismo pelos padrões teológicos judaicos, sacode o julgo. A mulher que outra amaldiçoada no Genesis tem a reintegração de posse existencial, no jogo do amor ela não apenas deseja, ela também é desejada, ela é chamada a falar sobre o amor, e sobre as suas taras.

Isoladamente, a declaração da Amada soa “ele me deseja”. No entanto, à luz da referência programática e intencionalmente subversiva – ela

---

<sup>18</sup> LONGMAN III, Tremper. *Song of Songs*. Cambridge: Grand Rapids, 2001. p. 20.

<sup>19</sup> Bíblia do Peregrino. Comentários de L. A. SCHÖCKEL. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1507.

<sup>20</sup> RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Cântico dos Cânticos (7.10-[11]) contra Gênesis (3.16): Um caso de intertextualidade programática subversiva. *Revista Estudos Teológicos*. São Leopoldo. v. 53, n. 2. p. 312-324, jul.-dez., 2013. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/354/1048](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/354/1048)>. Acesso em: 25 mar 2022.

inverte seu sentido! – de Gn 3.16, a declaração da Amada deve soar como “ele é que me deseja”<sup>33</sup>. Naturalmente que o livro inteiro deixa claro que ela o deseja. Todavia, o que nesse momento interessa a ela revelar é que, a despeito de Gn 3.16 colocá-la em situação de maldição<sup>34</sup> e, maldita, de desejar seu homem, e, de desejando-o, a ele submeter-se, a sua provocativa dança revela o outro lado da moeda: “é ele, senhores, não vem?, é ele que se põe a arfar por mim, é ele, senhores, o tomado pelo desejo, o perdido pelo desejo, a arder de febre por esse corpo que baila.”<sup>21</sup>

No que tange a interpretação do livro dos Cânticos dos Cânticos, ao longo dos séculos o método alegórico tem sido predominante; teólogos judeus no século II, mui provavelmente pela influência de Filo de Alexandria já o interpretavam alegoricamente. Houve uma transposição dos sentidos, o amor entres amantes passa prefigurar o amor de Javé para com Israel. A metáfora do enlace nupcial iniciada por Oseias, e utilizada intensamente pelos demais profetas, torna-se a chave hermenêutica por excelência para entender o livro; e graças a essa interpretação alegórica o livro entrou ou pelo menos permaneceu no cânon judaico. Em um Targum datado no século VIII d.C., o tradutor tomou o texto como alegoria entre Deus e Israel, comentando os capítulos 1, 2-9, pontuam:

Amada Israel começa pedindo ao amado, Deus, para beija-la. Israel deseja se relacionar com Deus. Ela elogia sua reputação e pede para entrar em seu quarto. O Quarto é a Palestina, a terra prometida. A abertura faz referência o êxodo do Egito. O beijo é a ddiva da Torah e a revelação de Deus no Sinai. Apesar disso, no deserto eles pecaram adorando o bezerro de ouro. A confissão da negritude é o reconhecimento do pecado de idolatria.<sup>22</sup>

Existem formas de interpretações judaicas no Cântico dos Cânticos que merecem destaque, embora não sejam tão populares como a alegórica. A primeira dentre elas, surgiu na perseguição desencadeada pelo imperador Adriano, quando esse mandou matar

---

<sup>21</sup> RIBEIRO, 2013, p. 317.

<sup>22</sup> DUARTE Samuel de Jesus. A Interpretação Alegórica Judaico-Cristã do Cântico dos Cânticos: Remanescentes de um contexto apocalíptico. *Fragments de Cultura*. Goiânia. v. 21, n. 1-3, p. 21-35, jan-mar., 2011. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1660>. Acesso em: 30 mar 2022. p. 24.

inúmeros Judeus. Diante do cenário de tristeza, muito passaram a lê o livro a partir de uma perspectiva apocalíptica, em busca cosmos em meio ao caos.

Além da apocalíptica destacam-se:

Do lado asquenazita, (Alemanha e França) tem-se os comentários de Rashi e seu neto Rashbam (sécs. XI e XII). Na linha sefardita, os comentários de Abraham ibn Ezra (comentário filológico, explicativo e alegórico). Ibn Ezra parece defender uma interpretação literal e foi tachado de racionalista.<sup>23</sup>

O cristianismo inicialmente nasceu como uma seita dentro do judaísmo, logo carrega em seu bojo inúmeros elementos dessa tradição. No que diz respeito a interpretação dos Cânticos, a princípio não há rupturas em relação a hermenêutica judaica, mantem-se a perspectiva alegórica; nesse caso uma metáfora entre Cristo e a Igreja, em que pese, “Teodoro de Mopsuéstia e Joviniano já defendiam uma interpretação literal do Cântico”<sup>24</sup>. O processo de enraizamento dentro do Império Romano, o cristianismo vai absorvendo outras influências, dentre elas a renúncia aos prazeres sexuais da tradição estoica, a ênfase do espírito em detrimento a matéria do gnosticismo. Dentre os principais hermeneutas alegórico desse período, destaca-se Hipólito e Orígenes.

Pode-se dizer que na idade medida interpretação alegórica fora predominante, com algumas rupturas místicas como as propostas por Justus Urgel e Gregório Magno, São João da Cruz. No Brasil, salvo algumas exceções a maioria dos teólogos evangélicos, tem tomado o Cântico dos Cânticos como “uma tradução poética de um relacionamento humano verdadeiro, quer ficcional quer real. O propósito do livro é glorificar o amor romântico e celebrar a pureza da intimidade sexual dentro do casamento dos laços do matrimônio”<sup>25</sup>, embora o livro não fale sobre matrimônio em momento algum. Como se “sentir atração física pelo cônjuge é pecar, um pecado equivalente ao adultério.”<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> DUARTE, 2011, p. 25.

<sup>24</sup> DUARTE, 2001, p. 26

<sup>25</sup> MERRIL, Eugene H. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Sheed, 2009, p. 609.

<sup>26</sup> CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *Cântico dos Cânticos: Um ensaio de interpretação através de suas traduções*. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 202.

### 3. A invaginação do olhar. Uma leitura do cântico dos cânticos 8. 1-3

No Brasil grande parte das mulheres cristãs estão de acordo que a Bíblia é a palavra de Deus, para além do método hermenêutico utilizado muitas tomam o texto sacro como um guia para suas ações e sentido para suas vidas. Nas cidades brasileiras não é incomum, encontrarmos mulheres pelas ruas com a Bíblia em mãos, falando de sua experiência a partir do encontro com a ‘palavra’. Todavia uma outra verdade descortina-se diante dos nossos olhos, mulheres igualmente cristãs, que se aproximam da Bíblia tem denunciado seu tom nitidamente patriarcal, e que as leituras feitas ao longo dos anos têm legitimado e perpetuado os sistemas de exclusão; pois as interpretações feitas em muitas comunidades de fé, privilegiam o masculino.

A pós-modernidade quebrou as pretensões absolutistas na hermenêutica, há grandes avanços na descolonização da Bíblia, com isso a porta de entrada para o texto sacro não são mais as metodologias androcêntricas. A hermenêutica popular, a partir do trinômio, Bíblia, comunidade, realidade, convida mulheres a levarem suas experiências para o texto, “pois a vida, em sua concretude, com suas mazelas e prazeres, com seus sonhos e dissabores, é o lugar onde se articula e se entrelaça a Palavra de Deus”<sup>27</sup>.

Na interpretação da Bíblia devem ser levada em conta três fatores, misturados entre si: O pré-texto da realidade, o contexto da comunidade e o texto da Bíblia. Estimulado pelos problemas da realidade (pré-texto), o povo busca uma luz na Bíblia (texto), que é lida e aprofundada dentro da comunidade (contexto). O pré-texto e o contexto determinam o ‘lugar’ de onde se lê e interpreta o texto.<sup>28</sup>

O olhar invaginado entende que a realidade ou pré-texto é o mundo da vida, as novas concepções de sujeito, marcado pelo retorno do recalcado e onírico. Desse modo, para além do *Sitz in Leben*

---

<sup>27</sup> NEUENFELDT, Elaine G. Diálogo Entre a Leitura Popular e a Leitura Feminista da Bíblia. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo. v. 45, n. 2, jul-dez., p. 117-128, 2005. Disponível em: [http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4502\\_2005/et2005-2i\\_eneuenfeldt.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4502_2005/et2005-2i_eneuenfeldt.pdf). Acesso em: 02 abr 2022, p. 118.

<sup>28</sup> MESTERS, Carlos. *Por Trás das Palavras*: Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 42.

importa o *animus* do leitor ou leitora, que não mais precisam negar sua animalidade para lê a Bíblia; há uma epifinização do feminino, permitindo uma renovação de sentidos no texto bíblico, onde no versículo primeiro do Capítulo oito diz: “Quem me dera fosses meu irmão, amamentado aos seios de minha mãe, para que pudesse encontrar-te fora e beijar-te sem que ninguém me despreze”.<sup>29</sup>

A mulher para ser aceita na religião cristã, negou suas vontades e desejos, masculinizou-se, nota-se em diversas comunidades de fé, aquelas que predicam um sermão, a adoção de posturas e trejeito dos machos; pior associam tais comportamentos a autoridade espiritual, ou unção divina. A invaginação do olhar, propõe um retorno ao eterno feminino; a mulher declara os seus instintos de forma despudorada, não está com medo de demonstrar publicamente seus desejos, ela quer encontrar o seu amado para além dos muros da casa, sinal da opressão e dos dogmatismos, celebra sua animalidade feminina, ou seja, “o eterno feminino, está em osmose natural como esse fluxo vital. É o que assegura em última instancia a perpetuação da espécie, porque é confrontada, de uma maneira obstinada permite que a vida se renove”.<sup>30</sup>

A mulher não fala de casamentos, nem de união estáveis, seus desejos não são burocratizados, há uma desintoxicação dos tabus introjetados pelas religiões; sua voz amalgama-se a *phisis* em detrimento ao *nomus*. Uma verdadeira revolução, no sentido etimológico do termo, revolvere, uma volta ao afetivo invaginado. A hermenêutica ancorada nesses humores, é adogmática e cônica da provisoriade, “pois não há verdade se não de época [...] as causas finais não são mais que ficção de homens”<sup>31</sup>. Todo os textos bíblicos que minimizam a mulher, precisam serem vistos como provisórios, frutos de uma mentalidade ultrapassada, a consciência disso, descoloniza saberes e possibilita sabores.

Um exemplo bem específico desse não condicionamento misogênico e estritamente libertatório desse estigma, se situa no Capítulo segundo versículo segundo que diz: “Eu te agarraria e te conduziria à casa de minha mãe: ali me ensinarias e eu te daria um copo de vinho aromatizado e o suco das minhas romãs”<sup>32</sup>. Pode-se perceber que a mulher nesse versículo toma a iniciativa, “Eu te agarraria”, ela não é mais uma presa volúvel e ingênua. Esta sabe o que quer, interpreta os desejos do seu corpo e insinua-se ao homem.

---

<sup>29</sup> BIBLIA, 2002, p. 1532.

<sup>30</sup> MAFESSOLI, Michel. *O instante Eterno*. São Paulo: Zouk, 2003. p. 169.

<sup>31</sup> MAFESSOLI, Michel. *A Ordem das Coisas: Pensar a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense, 2016. p. 59.

<sup>32</sup> BÍBLIA, 2002, p. 1532

Nesse sentido em uma sociedade patriarcal como a brasileira, onde o ser mulher já impunha uma forte carga de opressão, nesse texto a mulher de cantares ensina-nos como tomar as rédeas do seu querer.

Nietzsche em sua crítica a religião cristã, a saber, que a mesma desde a sua origem, mostrou-se ontologicamente “asco e fastio da vida na vida, que apenas se disfarçava, apenas se ocultava, apenas se enfeitava sob a crença em “outra” ou “melhor” vida<sup>33</sup>”, denuncia as projeções escatológicas que castram a vida e levam a demonização do Eros e da libido. Sobre as origens do cristianismo, nota-se a influência do estoicismo e do gnosticismo, que em seus dogmas preconizavam o metafísico em detrimento a matéria, por isso o ideal de vida correta, era marcada pela fuga dos prazeres, viver e gozar eram pecados, o celibato era inevitável.

Os padres da Igreja, elogiavam a virgindade e incentivavam as mulheres a serem castas e pudoradas e nunca falarem sobre seus copos. Esses condicionamentos hermenêuticos sexista, tem sido a lente pela qual, muitos e muitas leem o livro de cantares. O olhar invaginado deseja vida, seu corpo este cheio de vida seu copo está cheio de vinho. O vinho dionisíaco, sinaliza que os seres humanos, não podem ser tomados apenas razão, como se pensava na modernidade, o corpo não é apenas para trabalho, o corpo é para o prazer.

O olhar invaginado na medida que empodera a mulher, permitindo que essa fale de seus desejos e devaneios, e utilizem seus corpos de forma não mecânica, não a torna revanchista, sua força congrega audácia e feminilidade. Ela permite-se “a experiência do outro em sua alteridade, que o resgata de seu inferno narcisista<sup>34</sup>”; sua libido não é projeção de sua própria subjetividade, por isso, ela não tem medo de deitar-se com seu homem, consegue fazer uma distinção entre mão direita e mão esquerda, sinal de discernimento na cultura judaica.

### **Considerações Finais**

Nesse trabalho, fizemos uma breve introdução ao pensamento de Michel Mafessoli, um dos mais profícuos sociólogos da atualidade, sugerindo como a sua teoria da invaginação dos sentidos pode contribuir na leitura do texto da Bíblia, a partir da perícopes do Cântico dos Cânticos 8.1-3. No primeiro momento, fizemos um conciso

---

<sup>33</sup> NIETZSCHE, Friedrich O Nascimento da Tragédia (tradução de J. Guinsburg); São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.19

<sup>34</sup> HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 12.

resumo da obra “O tempo retorna: Formas elementares de pós-modernidade. Percebe-se que nesse texto que autor analisa comportamentos da sociedade atual, e conceitua o que seria a invaginação dos sentidos, um regresso do sensível e afetivo, uma crítica a narrativa moderna que percebeu o homem apenas no aspecto puramente racional. O corpo não é apenas uma ferramenta de trabalho, ele é instrumento para dar e receber prazer.

No segundo tópico, fizemos um resgate das principais teorias de origem e interpretação no livro dos Cântico dos Cânticos. Nota-se que tais assuntos, ainda estão em aberto, portanto passível de inúmeros debates, embora alguns pretendam ter a prerrogativa teórica o vinculante. A interpretação do Livro ao longo dos séculos, tem sido em sua grande maioria alegórica. Os tabus sexuais levaram teólogos Judeus e cristão transportaram alegoricamente o conteúdo erótico, para âmbito divino.

A invaginação do olhar, é o nosso terceiro tópico; nele fazemos um exercício de leitura no capítulo 8.1-3 a partir da teoria da invaginação dos sentidos. Sugere-se nesse momento, que o texto seja lido a partir do corporismo dionisíaco, os e desejos que por anos fora negados, e por vezes degenerados em vícios são assumidos e utilizados como pressupostos de leitura, invaginando o olhar. Logo o *Sitz im Leben*, sinaliza caminhos, todavia não é a única forma de entender o texto.

Acreditamos que a Bíblia se torna palavra de Deus na medida que ela fala as nossas realidades, por isso mesmo novas leituras arejadas por vida, são bem-vindas; principalmente em nossos dias, quando pensamentos fundamentalistas e sexistas ganham força. Um olhar invaginado, aceita o Outro, pois na dinâmica do Eu e o Tu tornamo-nos gente, imagem e semelhança de Deus.

### Referências

- BÍBLIA, Sagrada. *Bíblia do Peregrino*: Comentários de L. A. Schockel. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRUNELLI, D. Teologia e gênero. In: SUSIN, Luís Carlos (Org.). *Sarça Ardente*: Teologia na América Latina: prospectivas. São Paulo: Paulinas; Soter, 2000, p. 209-218.
- CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *Cântico dos Cânticos*: Um ensaio de interpretação através de suas traduções. São Paulo: EDUSP, 2005.
- DELITZSCH, Franz. *Commentary on the Song of Songs and Ecclesiastes*. New York: Nabu Press. 2011.
- DUARTE Samuel de Jesus. A Interpretação Alegórica Judaíco-Cristã do Cântico dos Cânticos: Remanescentes de um contexto apocalíptico. *Fragmentos de Cultura*. Goiânia. v. 21, n. 1-3, p. 21-35, jan-mar., 2011. Disponível em:

<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1660>>. Acesso em: 30 mar 2022.

FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FURLIN, N. Teologia feminista: Uma voz que emerge nas margens do discurso teológico hegemônico. *Rever*. São Paulo. Ano 11, n. 01, p. 139-164, 2011. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6034>>.

Acesso em: 20 mar 2022.

HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.

LONGMAN III, Tremper. *Song of Songs*. Cambridge: Grand Rapids, 2001.

MAFESSOLI, Michel. *A Ordem das Coisas: Pensar a pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense, 2016.

MAFESSOLI, Michel. *O instante Eterno*. São Paulo: Zouk, 2003.

MAFFESOLI, Michel. *Matrimonium: Petit traité d'écosophie*. Paris: C.N.R.S, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo Retorna: Formas elementares do pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MERRIL, Eugene H. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Sheed, 2009.

MESTERS, Carlos. *Por Trás das Palavras: Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORIN, Edgar. *O método 5: A humanidade da humanidade a identidade humana*. São Paulo: Sulina. 2003.

NEUENFELDT, Elaine G. Diálogo Entre a Leitura Popular e a Leitura Feminista da Bíblia. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo. v. 45, n. 2, jul-dez., p. 117-128, 2005. Disponível em:

<[http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos\\_teologicos/vol4502\\_2005/et2005-2i\\_eneuenfeldt.pdf](http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4502_2005/et2005-2i_eneuenfeldt.pdf)>. Acesso em: 02 abr 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RIBEIRO, Osvaldo Luiz. Cântico dos Cânticos (7.10-[11]) contra Gênesis (3.16): Um caso de intertextualidade programática subversiva. *Revista Estudos Teológicos*. São Leopoldo. v. 53, n. 2. p. 312-324, jul.-dez., 2013. Disponível em:

<[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/354/1048](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/354/1048)>. Acesso em: 25 mar 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Reconhecer Para Libertar: Os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 2003.

SIANI, A. *Inferior: How Science Got Women Wrong*. California: Beacon Press, 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.